

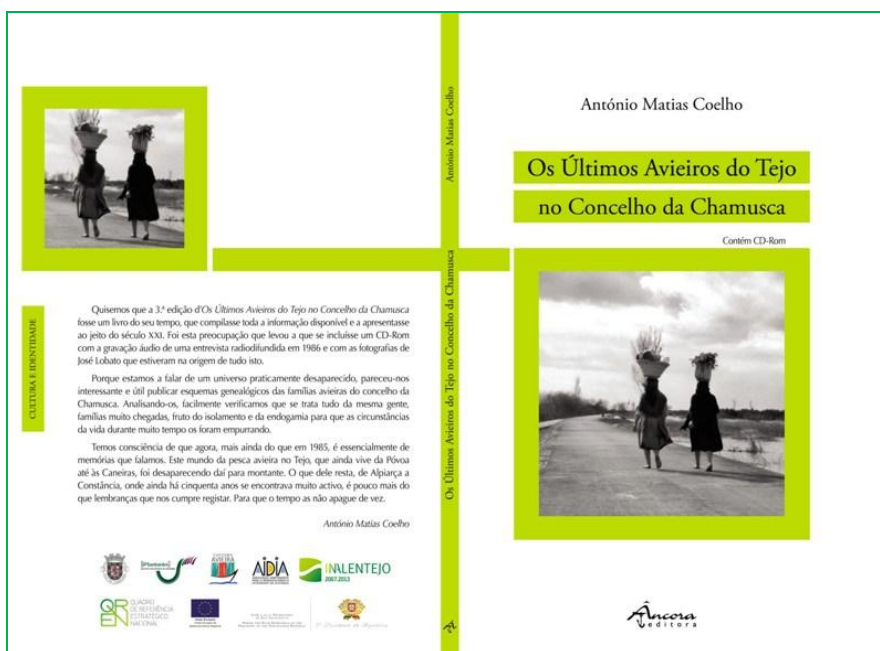


## FOLHA INFORMATIVA Nº18-2011

### OS AVIEIROS DA CHAMUSCA EM LIVRO

Passaram 25 anos sobre a data em que veio a público a primeira versão do estudo do Dr. António Matias Coelho sobre os *Avieiros da Chamusca*.

Vale a pena publicar o que autor escreveu na introdução à terceira edição do seu livro, publicado agora nas Festas da Ascensão da Chamusca, com o patrocínio da Câmara Municipal da Chamusca. O texto que se segue é por isso essa transcrição, na primeira pessoa do singular.



No Verão de 1985, a Câmara Municipal da Chamusca tinha para apresentar um conjunto de fotografias, feitas por José Lobato aos dois núcleos de pescadores avieiros que então ainda viviam e trabalhavam no concelho – no Porto das Mulheres, junto à vila, e no Mouchão de São Brás, frente à foz do rio Almonda. Decidiu expô-las na Galeria Municipal e propôs-me que colaborasse na montagem de uma exposição mais vasta sobre a realidade avieira, juntando peças e testemunhos.

Foi com esse objectivo que contactei os últimos avieiros do concelho da Chamusca – eram apenas três casais, todos eles já idosos –, tendo conversado longamente com eles, em especial com os do Mouchão de São Brás. Cederam ao município um conjunto de materiais que foram expostos na Galeria Municipal e mais tarde em diversos outros lugares e dispuseram-se a gravar uma das nossas conversas que depois a então jovem Rádio Bonfim, que emitia da Chamusca, difundiu no último dia de Agosto desse ano de 1985. Paralelamente, produzi o texto que, ilustrado com desenhos de Ápio Cláudio, feitos a partir das fotografias de José Lobato, foi editado pela Câmara Municipal em Junho de 1985.

Essa primeira edição, de que se fizeram 500 exemplares, esgotou em poucos meses e o município decidiu reeditar o trabalho, ao qual fiz uma ligeira revisão, publicando mais 500 exemplares. Tanto uma edição como outra consistiram num modesto caderno, constituído por uma capa de cartolina branca, impressa na *Tipografia A Persistente* da Chamusca, contendo no seu interior menos de duas dezenas de folhas dactilografadas e reproduzidas a stencil. Eram os meios que então foi possível reunir – o que não impediu que o trabalho se fizesse. E que foi, como agora se reconhece, dos primeiros que se realizaram sobre as comunidades avieiras que, já nesse tempo, davam sinais de estarem desaparecendo do Tejo.

Passaram 25 anos. Muita coisa mudou no país, no grande rio e na vida de quem vivia dele. Os mais velhos foram morrendo. Dos seis que conheci em 1985 só vive uma, Maria de Sousa que, aos 87 anos, continua a ir à pesca todos os dias.

Entretanto, alguém deitou um olhar atento e empenhado sobre a realidade avieira que definhava, um século volvido sobre as primeiras migrações que trouxeram estes ciganos do rio da Praia da Vieira para a Borda-d'Água. O projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Imaterial Nacional (...) cresceu e ganhou expressão, credibilidade e visibilidade pública, prosseguindo de forma determinada os seus objectivos. Eles passam, nesta fase de afirmação do projecto, pela recolha de todos os elementos, actuais e do passado, que possam contribuir para a sustentação da candidatura.

É neste contexto que surge o interesse e a motivação para a reedição do trabalho realizado na Chamusca há um quarto de século.

O presente volume publica de novo o texto do velhinho caderno de 1985, com as necessárias actualizações, juntando-lhe as fotografias que, por falta de meios, ficaram por editar na altura. A base de trabalho é o texto da 2.ª edição, já ele próprio revisto, que aqui se republica,



servindo-me de notas de rodapé para efectuar as actualizações devidas, as correcções que se impõem e os aditamentos considerados oportunos.

Publica-se também agora a entrevista que os últimos avieiros do Tejo no concelho da Chamusca me deram há 25 anos, transcrevendo-se toda a conversa, bem como o programa da Rádio Bonfim que na época o pôs no ar. Trata-se de um documento de enorme significado e importância, quer pela circunstanciada descrição que faz do viver avieiro desse tempo, quer por ser um testemunho único e irrepetível de uma realidade social e cultural que a bem dizer desapareceu do Médio Tejo.

A preparação desta reedição levou-me de novo à fala com a pescadora Maria de Sousa, agora a viver na Azinhaga. Tantos anos passados, mantém a mesma determinação e capacidade de luta pela vida que lhe conheci em 1985 e diz que há-de andar no Tejo até ao limite das forças. Da conversa que tivemos na Azinhaga no último Verão colhi elementos para o texto que adiante se inclui sobre esta sobrevivente activa da comunidade avieira nesta parte do Ribatejo.

Quisemos que a 3.ª edição d'Os últimos avieiros do Tejo no concelho da Chamusca fosse um livro do seu tempo, que compilasse toda a informação disponível e a apresentasse ao jeito do século XXI.

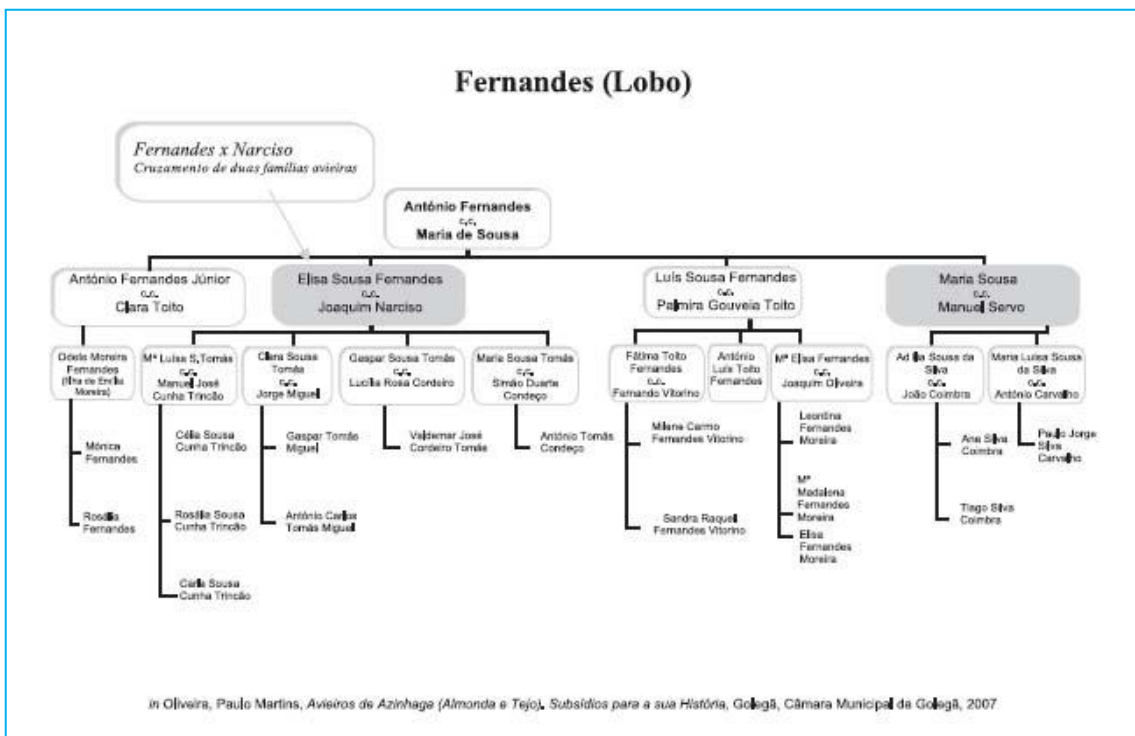
Foi esta preocupação que levou a que se incluísse um CD com a gravação áudio do programa de rádio em que passou a entrevista e com as fotografias de José Lobato que estiveram na origem de tudo isto.



Teresa Sequeira, mãe de Francisco Sequeira Fernandes, do Porto das Mulheres (FC)



Porque estamos a falar de um universo praticamente desaparecido, pareceu-nos interessante e útil publicar um esquema genealógico das famílias avieiras do concelho da Chamusca, produzindo o da família Fernandes, do Porto das Mulheres e reproduzindo, com a devida vénia à Câmara Municipal da Golegã, os das famílias de Maria de Sousa e de sua irmã Elisa de Sousa Fernandes, que em 1985 viviam no Mouchão de São Brás mas que são originárias da Azinhaga, onde a primeira ainda resiste. Analisando esses esquemas genealógicos, facilmente verificamos que se trata tudo da mesma gente, famílias muito chegadas, fruto do isolamento e da endogamia para que as circunstâncias da vida durante muito tempo os foram empurrando. Temos consciência de que agora, mais ainda do que em 1985, é essencialmente de memórias que falamos. Este mundo da pesca avieira no Tejo, que ainda vive da Póvoa até às Caneiras, foi desaparecendo daí para montante. O que dele resta, de Alpiarça a Constância, onde ainda há cinquenta anos se encontrava muito activo, é pouco mais do que lembranças que nos cumpre registar. Para que o tempo as não apague de vez.



Árvore genealógica da família Fernandes Lobo, tal como foi publicada por Paulo Martins Oliveira, no seu livro *Avieiros de Azinhaga (Almonda e Tejo). Subsídios para a sua História*, editado pela Câmara Municipal de Golegã em 2007. O Dr. Matias Coelho publicou esta árvore com o consentimento do autor.

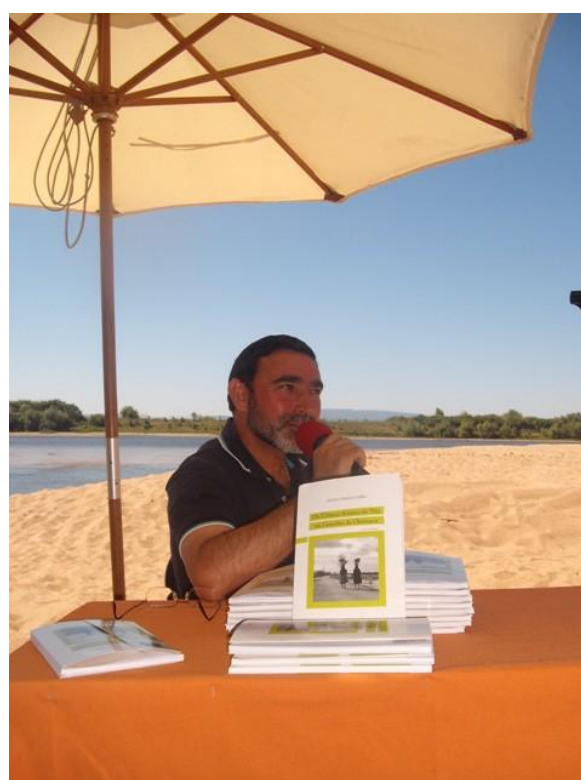
**PORTEFÓLIO FOTOGRÁFICO DO LANÇAMENTO DO LIVRO – ACTO QUE TEVE LUGAR À BEIRA  
DO TEJO, JUNTO À MARACHA**



Apresentação do autor, feita pelo presidente da Câmara Municipal de Chamusca, Sr. Sérgio Carrinho, tendo como pano de fundo o rio Tejo e um barco Avieiro que por ali passava



Outro aspecto da apresentação, tendo como pano de fundo a praia fluvial do *Porto das Mulheres*, na Chamusca



O autor, Dr. António Matias Coelho, apresentando o seu livro, junto da praia fluvial da Chamusca



O autor, Dr. António Matias Coelho, apresentando o seu livro, com a assistência à sombra dos salgueiros, na marcha do rio Tejo, no *Porto das Mulheres*



Outro aspecto da apresentação do livro



O momento da oferta do livro a Maria de Sousa, uma das Avieiras que nele é apresentada.



De acordo com o autor, “depois de tantos anos passados, mantém a mesma determinação e capacidade de luta pela vida que lhe conheci”. Maria de Sousa tem 82 anos e continua a fazer a vida diária na sua bateira.



A pescadora Avieira Maria de Sousa, uma das personagens do livro *Os Avieiros da Chamusca*, presente na sessão de lançamento do livro



Um emocionante momento da oferta do livro à pescadora Avieira, a mais antiga representante da comunidade Avieira da Chamusca



A reconstituição em azulejo do Porto das Mulheres

